

Híbridos de Cattleyas Brasileiras e seus Híbridadores . 2

ÁLVARO PESSÔA¹

A boa receptividade do primeiro artigo desta série, conjugada com um velho projeto que remonta à fundação da Orquidário, fizeram com que nos aprofundássemos na recuperação da memória da orquidofilia fluminense. Foi bom encontrar apoio nos companheiros de orquidofilia, para reencontrar, e fazer falar sobre o passado, os orquidófilos que viveram a época áurea das grandes exposições.

Pelas mãos generosas de Afrânio Silva Jardim, fomos apresentados a Sílvio Armbrust, ex-Presidente da SBO, a quem tivemos a satisfação de visitar em sua residência da Tijuca. Também Clécio Miranda foi contactado e revelou algumas fases e facetas dos anos dourados da orquidofilia.

Todos esses contactos e entrevistas, enriqueceram o conhecimento do nosso banco de dados, mas revelaram também, que muitas das dificuldades de hoje, já estiveram presentes no passado. Mais do que isso, revelaram ainda, que se a alma humana é complexa é a alma do orquidófilo, verdadeiro colecionador único, mas de gênio instável e muito especial.

Além desses contactos e na busca dos elementos necessários à continuação desta série, procurei valer-me dos velhos catálogos da Florália, gentilmente cedidos por Jorge Verboonen e que me permitiram conhecer um pouco mais da orquidofilia brasileira no meio do século, a partir das plantas e cruzas que eram oferecidas à venda. Foi uma grande surpresa examiná-los. Surpresa porque, em 1960 pelo menos, o faro de Rolf Altenburg percebia o que deveria ser, ou para onde iria se encaminhar o futuro da orquidofilia. O que faltou foi mercado nacional para consagrar-lhe os híbridos. O que fez falta, foi um maior intercâmbio entre orquidófilos brasileiros, americanos e europeus. O que não aconteceu, naquela época, foi um programa de exportação da Florália. Caso isto tivesse ocorrido, nosso patriarca híbridador teria sido, não apenas o pioneiro no Brasil, mas certamente no mundo.

Quando, hoje, os cultivadores de híbridos estão todos ávidos por Cattleyas aquinadas, e paga-se uma verdadeira fortuna por plantas estrangeiras tipo fantasia, como a Blc. Toshie Aoki, a Lc. Mem. Dr. Peng, as Sc. Batemaniana e as C. Interglossa, todas aquinadas, isto ocorre, virtualmente, por influência norte-americana.

¹R. Uruguai 508/102, Tijuca, RJ.

Saiba porém o leitor, que não era colecionador nesta época (décadas de cinquenta e sessenta) quando praticamente o meristema não existia, que os catálogos da Florália já ofereciam híbridos fantasia e aquinados, entre eles: Catálogo 1, cruza 05, *C. mossiae* "alba" x *C. intermedia* aquinii; Catálogo 7, cruza 615, *C. bicolor* x *C. intermedia* aquinii; Catálogo 8, cruza 417, *C. Bob Betts* x *C. intermedia* aquinii e cruza 570, *C. intermedia* aquinii x Lc. Nelson; Catálogo 9, cruza 615, *C. Biquini* x Lc. semaphore. No mesmo Catálogo temos ainda, cruza 810, *C. aclandiae* x *C. Bob Betts* e *C. Iris* x *C. Biquini*, além de *C. aclandiae* x Lc. Golden Meteor "cinnabarina".

Isto acontecia em 1960, quando o universo orquidófilo mundial ainda não sonhava com aquinados, pintados, manchados, pelo riados etc ... o que só veio a ocorrer, de forma significativa, nos Estados Unidos e Japão, 20(vinte) anos depois de Rolf Altenburg tê-los oferecido, de forma pioneira, no Brasil.

Certa vez, em visita a Florália, cheguei a perguntar-lhe sobre o resultado comercial dessas cruzas e seu destino. Nunca foi um sucesso de venda, disse ele. Simplesmente ninguém se interessou e eu desisti de cruzar linhagem deste padrão. Nesta afirmação, em que está encerrado um momento perdido ou uma tentativa mal sucedida, encontra-se também a expressão de uma tendência. Tendência esta hoje muito nítida, de prevalência de espécies sobre híbridos, na qual, sem dúvida alguma, os gauchos levaram a melhor em *C. intermedia* e *L. purpurata*, seguidos de perto pelos paulistas no aprimoramento desta última.

Esta busca de espécies, predominantemente as aprimoradas pela mão humana, é hoje uma tendência mundial e fincou pé na orquidofilia. Provalvemente para permanecer durante anos. Ela é parte do movimento preservacionista, que a espécie humana abraçou com justas razões, assustada pela destruição do meio ambiente.

E é neste trabalho de aprimoramento de espécies em geral, que a década de setenta revelou talentos. Predominantemente em São Paulo. Primeiro, em decorrência do celeiro de espécies da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, fundada em 1901 em Piracicaba. Dalí, o professor Hamilton Bicalho irradiou sementes para os municípios vizinhos e limítrofes, onde se fincaram raízes profundas. São Carlos, Rio Claro, Americana e tantos outros municípios paulistas, tornaram-se focos de aprimoramento de espécies.

A este movimento deve-se a disponibilidade das *C. mendellii*, *C. chocoensis* (da província do Choco na Colômbia), da *C. trianae*, *C. percivaliana* e outras espécies latino americanas a preços bastantes razoáveis.

Também no Espírito Santo, Érico de Freitas Machado, alagoano arribado na província capixaba, realizou bom aprimoramento de *C. warneri*, sementes por Adhemar Manarini da Equipesca e hoje disponíveis.

Em Minas Gerais, como em São Paulo, nota-se também um forte movimento orquidófilo, mas talvez pelo seu silencioso trabalho, muito característico da alma mineira, seus ecos não chegam até nós, salvo, talvez, pelo grupo de Guaxupé.

Enquanto isto, o Nordeste orquidófilo começa a despontar com a liderança de José Pompeu, em válido movimento para repatriar ao Nordeste as belas *C. labiata* que só recentemente os próprios nordestinos também passaram a admirar.

A par destes hibridadores, a colônia brasileira de descendentes de japoneses, em São Paulo, entrou fortemente no mercado de aprimoramento de espécies. Harusi Iwasita, George Kawazaki, Yano, Suzuki, Sumio Nakashima e Sebastião Nagase foram obtendo, paulatinamente, mais e melhores aprimoramentos de *C. loddigesii*, *L. pumila* e tudo aquilo que, por ser pequeno e de bom gosto, constitui ponto de interesse dos japoneses.

Penso que a orquidofilia brasileira ainda não atingiu seu ponto de completa maturidade, quer olhada em relação aos seus aspectos comerciais (inclusive de exportação), quer em relação aos seus objetivos tanto em matéria de exposições como de aumento do interesse. No próximo número, examinaremos especificamente estes problemas, e os dilemas dos grandes colecionadores brasileiros, cujo maior interesse é o deleite individual e solitário de suas próprias plantas.

A correta Nomenclatura das Orquídeas

OSMAR JUDICE¹

Basicamente, dois códigos estabelecem as regras que regulam a nomenclatura das orquídeas: o Código Internacional de Nomenclatura Botânica e o Código Internacional de Nomenclatura de Plantas cultivadas.

Ambos, em seus mandamentos, têm por objetivo a uniformidade e a compreensão, sendo o nome científico das espécies orquídeas escrito em Latim, língua que irmana todos os povos na identificação e na classificação botânica, vale dizer científica, das plantas. Procedimento contrário levaria, por certo, ao estabelecimento de verdadeira Babel.

Em forma sucinta, procuraremos enumerar algumas peculiaridades aos companheiros orquidófilos, principalmente aos iniciantes e amadores na prática da orquidofilia, levando-os a melhor entender e compreender a nomenclatura das orquídeas.

¹R. Nascimento Silva, 568/202, Rio de Janeiro.